

# “ARISTÓTELES E EPICURO NO DIVÃ” REALISMO CRÍTICO COMO EPISTEMOLOGIA PARA A INVESTIGAÇÃO EM PSICANÁLISE

(2010)

**Tatiana A. Santos**

Psicóloga Clínica. Doutoranda em Psicanálise.

[psicologa.tatianasantos@gmail.com](mailto:psicologa.tatianasantos@gmail.com)

---

## RESUMO

Apesar do paradigma positivista ter vigorado como epistemologia de investigação, o facto é que na tradição quantitativa, outros modelos se impõem, nomeadamente o Realismo Crítico (Cook & Campbell, 1979) que tem sido usado como elo de ligação entre as diferentes posições epistemológicas (Losch, 2009). Na última década, o termo relativo a uma forma literária “narrativa” tem sido falada e debatida na literatura Psicanalítica de uma perspectiva Hermenêutica. De acordo com os defensores do Realismo Crítico, tem de se assumir que um facto clínico é uma realidade, uma experiência que existe independentemente de forma como a percebemos ou concebemos.

**Palavras-chave:** Psicanálise, investigação, realismo crítico, paradigmas

---

*“All men are liable to error; and most men are, in many points, by passion or interest, under temptation to it”.*

John Locke

Apesar do paradigma positivista ter vigorado como epistemologia de investigação, o facto é que na tradição quantitativa, outros modelos se impõem, nomeadamente o Realismo Crítico (Cook & Campbell, 1979) que tem sido usado como elo de ligação entre as diferentes posições epistemológicas (Losch, 2009). O primeiro uso da expressão “Realismo Crítico” (Kritischer Realismus) parece ser alemão. Este pensamento filosófico, segundo Bergin, Wells & Owen (2008) sugere uma ontologia partilhada entre as ciências naturais e sociais. As bases filosóficas do realismo crítico têm estado associadas aos filósofos britânicos Roy Bhaskar e ao mentor Ron

Harré (Losch, 2009), seu professor de Filosofia (Kaidesoja, 2007) que, inicialmente, começa por colocar questões acerca do que existe (Bergin, Wells & Owen, 2008).

Segundo Hanly (1999) a própria história da Filosofia sugere que é de extrema importância se o ponto de partida é ontológico ou epistemológico. Se é ontológico, então o ponto de partida do investigador é de que existe uma realidade independente dos nossos sentidos e pensamento a ser explorada e, se possível, conhecida e compreendida. Assim, a questão epistemológica diz respeito ao modo como sabemos o que é o outro e o que somos nós próprios. Estas questões tão importantes para a investigação têm suscitado controvérsias e discussões no mundo Psicanalítico. Os teóricos da Psicanálise, sobretudo alguns Kleinianos e Freudianos, defende que a questão ontológica tem primazia sobre a epistemológica e este é um assunto de debate em investigação em Psicanálise (Hanly, 1999).

O Realismo Crítico segue esta filosofia. Segundo Scott (2007), em oposição às perspectivas Empiristas e Positivistas, o Realismo Crítico presume que a resolução da investigação ocorre sim ao nível ontológico. Efectivamente, este paradigma é Realista e Crítico. Pressupõe que os objectos no mundo, sobretudo os objectos sociais, existem independentemente do observador ser capaz de os conhecer ou não (Realismo). Em segundo lugar, o conhecimento destes objectos é sempre falível pois quaisquer tentativas para os descrever precisam ter em conta a natureza transitiva do conhecimento (Crítico). Assim, e para Lund (2005), o que é pretendido com o Realismo Crítico é mostrar que os fenómenos em estudo numa investigação científica não são apenas construções criadas nas mentes dos observadores mas correspondem a entidades reais ou processos que existem de forma autónoma. A necessidade de se ser crítico vem deste ponto. A dificuldade de conhecer estes fenómenos existe de quem estuda uma atitude activa e crítica relativamente às inferências retiradas (Lund, 2005). Neste caso, quando falamos em Realismo Crítico, o termo evidência não pressupõe uma verdade perfeita e absoluta como no paradigma Positivista mas sim o conhecimento de que existe um mundo imperfeito Boesky (2005).

Entretanto, a subjectividade epistemológica chegou à investigação na área Psicanalítica. Segundo Hanly (1999) desenvolveu-se para além dos interesses clínicos já conhecidos nos conceitos de transferência e contra-transferência. Hanly (1999) defende que a atenção dada à relação analista-analisando mudou para interaccionismo ou intersubjectividade negando ou recusando a diferenciação epistemológica de sujeito-objecto. Para o autor, o Realismo Crítico como epistemologia para a investigação em Psicanálise tem várias vantagens. Está livre dos problemas lógicos e conceptuais gerados pelos historicismo e pelas epistemologias subjectivas em geral (Hanly, 1999). Se podemos ter conhecimento dos objectos, podemos conhecer o nosso conhecimento dos objectos. Não nos pede menos auto-crítica, menos cepticismo, anti-absolutismo ou menos tolerância relativamente ao incerto que o Subjectivismo. O Realismo Crítico, para Hanly (1999), desafia-nos a melhorar a nossa capacidade de usar evidências clínicas para avaliar interpretações e teorias e descobrir o nosso caminho para além do fácil isolamento teórico que, segundo o autor, domina a Psicanálise.

Na última década, o termo relativo a uma forma literária “narrativa” tem sido falada e debatida na literatura Psicanalítica de uma perspectiva Hermenêutica. Assim, o termo "verdade narrativa" tem vindo a sugerir que não há base para a validação de uma interpretação na história do paciente, mas apenas na "coerência" da interpretação do analista (Hanly, 1996). Segundo Hanly (1995) há quem recomende o realismo crítico como epistemologia na investigação em Psicanálise. De acordo com os defensores do Realismo Crítico, tem de se assumir que um facto clínico é uma realidade, uma experiência que existe independentemente de forma como a percebemos ou concebemos. A conceptualização deve ser guiada e baseada nestes mesmos factos. Assim, como muitas vezes a conceptualização precede a observação (psicologicamente e temporalmente) a observação deverá ter prioridade epistemológica relativamente à conceptualização. A observação, é para Hanly (1995), a pedra basilar da verdade. Já as interpretações surgem para interpretar o que de facto aconteceu na vida do paciente e se repete. Devem ter um impacto benéfico no seu funcionamento e deve facilitar a associação livre do sujeito. Hanly (1995) descreve ainda que, na visão dos realistas críticos, os sonhos, sintomas e associações do paciente têm uma espécie de vida própria que é suficientemente independente do analista e das suas interpretações.

Na visão de Hanly (1995) Psicanalistas que escolhem o Realismo Crítico como modelo epistemológico, estão situados na tradição filosófica de Aristóteles, Epicuro, Hobbes, Locke, Mill, Feigl e Grünbaum. Esta é também (Hanly, 1995) a epistemologia de Freud. E, para Etchegoyen, (1991), é dentro de uma perspectiva do realismo crítico, que se compreende que a nossa ideia acerca da história do paciente tem apenas um grau de boa probabilidade mas nunca de certeza absoluta, e requer um complexo processo contínuo de validação. Esta noção é o melhor contributo e incentivo à investigação em Psicanálise. Hanly (1996) acrescenta ainda que na tradição do realismo crítico, a percepção do mundo e as memórias de percepções passadas representam aspectos essenciais da história. Também desta visão partilham os Psicanalistas.

O autor refere ainda que o Realismo Crítico é a epistemologia implícita do Senso Comum e da Ciência. Freud (1933, cit. Hanly, 1999) explicita o Realismo Crítico como epistemologia para a Psicanálise:

*“Scientific thinking does not differ in its nature from the normal activity of thought, which all of us, believers and unbelievers, employ in looking after our affairs in ordinary life. It has only developed certain features: ... it is concerned carefully to avoid individual factors and affective influences; it examines more strictly the trustworthiness of the senseperceptions on which it bases its conclusions; it provides itself with new perceptions which cannot be obtained by everyday means and it isolates the determinants of these new experiences in experiments which are deliberately varied. Its endeavour is to arrive at correspondence with reality—that is to say, with what exists outside*

*us and independently of us and, as experience has taught us, is decisive for the fulfilment of disappointment of our wishes. This correspondence with the real external world we call 'truth' [p. 170].*

Neste excerto pode perceber-se que, para Freud o pensamento científico não diferia muito da normal actividade de pensar. Apenas variaria nas preocupações para evitar influências afectivas e individuais. Para além disso, procura uma correspondência com o real, ou seja, com o que “existe fora de nós e independente de nós” (Freud, 1933, cit. Hanly, 1999). Esta correspondência com a realidade externa é aquilo a que chamamos verdade. Estas ideias são as mesmas defendidas no Realismo Crítico. Assim sendo, o Realismo Crítico apresenta-se como perspectiva epistemológica para a investigação científica na área da Psicanálise, impondo-se relativamente a paradigmas como o Positivista, vigente nas ciências naturais e maior parte da investigação em ciência, mas sem sentido para uma área tão subjectiva e fascinante como a Psicanálise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bergin, M., Wells J. & Owen S. (2008) 'Critical Realism: a philosophical framework for the study of gender and mental health', *Nursing Philosophy*, 9, 169-179
- Bhaskar, R. (1978) *A realist theory of science*. Harvester: Brighton.
- Bhaskar, R. (1979) *The possibility of naturalism*. Harvester Wheatsheaf Press: London.
- Bhaskar, R. (1989) *Reclaiming reality*. Verso: London.
- Boesky, D. (2005). Psychoanalytic Controversies Contextualized. In *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 53 (3), pp: 835-864.
- Cook, T. D., & Campbell, D. T. (1979). *Quasi-experimentation: Design and analysis issues for field settings*. Chicago: Rand-McNally.
- Etchegoyen , H. (1991). *The Fundamentals of Psychoanalytic Technique*. London: Karnac Books
- Hanly, C. (1995). On facts and ideas in psychoanalysis. In *The International Journal of Psychoanalysis*, 76 (5), pp: 901-909.
- Hanly, C. (1999) On Subjectivity and Objectivity in Psychoanalysis. In *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 47 (2), pp: 427- 445
- Hanly, M. F. (1996) 'Narrative,' now and then: A critical realist approach. In *The International Journal of Psychoanalysis*, 77 (3), pp: 445-458.
- Kaidesoja, T. (2007) Exploring the Concept of Causal Power in a Critical Realist Tradition. In *Journal for the Theory of Social Behaviour* 37 (1), pp: 63-87
- Losch, A. (2009) On the origins of critical realism. In *Theology and Science*, 7 (1), pp: 85-106.
- Lund, T. (2005). The Qualitative–Quantitative Distinction: Some comments. In *Scandinavian Journal of Educational Research*, 49 (2), pp. 115–132.

Scott, D. (2007) Resolving the quantitative–qualitative dilemma: a critical realist approach.  
In *International Journal of Research & Method in Education*, 30 (1), pp. 3–17.